

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.010

## **A LITERATURA FALA, O CURRÍCULO CALA: SOBRE A BOLSA AMARELA E ONDE SE ESCONDEM AS DISCUSSÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Diêgo de Lima Santos Silva<sup>1</sup>  
Paula Almeida de Castro<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo dedica-se às discussões de gênero a partir da leitura do romance infantojuvenil “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga (1976), articulando a análise literária à reflexão sobre a tímida inserção da temática Gênero nos currículos da educação básica brasileira. Metodologicamente a pesquisa se insere no campo qualitativo e utiliza, como procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica e a análise documental. O aporte teórico fundamenta-se nas contribuições de Bojunga (1993), Butler (1990), Beauvoir (1945), Foucault (2009), Louro (2015), Scott (1991) e em documentos oficiais do Brasil (2000; 2018), entre outros(as) autores(as) que permitem compreender a construção das identidades de gênero a partir de perspectivas sociais, culturais e educacionais. Ao longo da análise, evidenciou-se uma lacuna significativa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito ao enfrentamento direto das questões de gênero. Paralelamente, ressalta-se a relevância da obra de Bojunga como uma potente ferramenta didática para o desenvolvimento de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGCEM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: diegoli542@gmail.com;

2 Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: paulacastro@servidor.uepb.edu.br.

**Palavras-chave:** Literatura, Gênero, Currículo, Educação.

## INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira foi historicamente constituída sob a influência de um pensamento cristão de caráter conservador, o que resultou, entre outras consequências, na manutenção de uma concepção binária de gênero. Nesse contexto, prevalece a crença de que existem apenas duas categorias de gênero – masculino e feminino –, entendidas como naturais e imutáveis. No entanto, muitas pessoas não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer e passam a expressar suas percepções subjetivas acerca de si mesmas, promovendo transformações em sua identidade de gênero. Tal processo é compreendido por Butler (2003) como uma performance, isto é, uma construção social e discursiva que se manifesta por meio de práticas culturais, educacionais e interações sociais.

Todavia, as transformações corporais, estéticas e comportamentais, manifestadas na forma de vestir-se, de falar ou de se apresentar socialmente, quando representam a assunção de uma identidade de gênero distinta do sexo biológico, são frequentemente interpretadas pelos setores mais conservadores da sociedade como atos de transgressão dos valores morais, familiares e religiosos.

Essa visão, sustentada por uma lógica normativa e excludente, ancora-se na crença de que há um modelo ideal e imutável de ser e existir, ao qual todos os indivíduos deveriam se conformar para alcançar reconhecimento e aceitação social. Assim, o binarismo de gênero atua como um dispositivo regulador que reforça preconceitos e estereótipos, restringindo a legitimidade das expressões plurais da identidade humana e dificultando o reconhecimento da diversidade de gênero como uma dimensão legítima e natural da experiência social.

Pensar na pluralidade de gêneros que compõe o meio social e que está presente também no cotidiano da escola, posiciona a educação como um dos caminhos que possam ser utilizados como forma de dialogar sobre esses corpos e suas performances, na intenção de corroborar

com a formação de cidadãos respeitadores para com o outro, capazes de lidar com as diferenças daqueles que fazem parte do seu cotidiano, estabelecendo uma relação de reconhecimento das diferenças e de empatia.

Diante disso, ao problematizamos a relação gênero e educação buscamos inferir sobre quais estratégias educativas e didáticas podem ser desenvolvidas em sala para promover essa discussão. A literatura, por exemplo, pode ser uma das alternativas para este fim, tendo em vista que, por meio dela abre-se espaço para a provocativa de saberes antes não conhecidos, assim como contribuem para o surgimento de novas ideias e questionamentos, estes saberes quando bem utilizados servem de auxílio para conscientização do outro em suas diferenças.

Desse modo, a literatura ganhou destaque nesta pesquisa para pensar as questões de gênero no espaço educativo, pois o ato de ler é inerente ao ambiente educacional e, por meio deste, oportuniza-se o acesso à informação e ao letramento, ultrapassando barreiras, despertando a consciência do leitor sobre infinitas questões.

Concordamos com Zilberman (1990, p. 19) ao afirmar que “o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências (...)”. Neste sentido, a literatura provoca a reflexão acerca de qualquer assunto, e por mais afastado que seja o texto da vida daquele que lê, esse consegue conduzi-lo à aproximação, além de levá-lo a pensar nas novas experiências e configurações do mundo que o cerca.

Ainda sobre a importância do ato de ler, Pádua (2015, p. 92), diz: “Revisar textos, escritos, imagens, sons, gestos, silêncios, cores, leis, ditos populares, piadas, visões, tudo isso coloca escritos sobre gênero e sexualidades em um lugar de destaque na atual conjuntura política, econômica e cultural de nosso país, que vem passando por grandes mudanças.

Para o teórico, impõe-se a necessidade de suscitar reflexões acerca da abordagem de gênero por meio da leitura, compreendida como uma prática formativa e emancipatória. Essa e outras ações voltadas à temática favorecem condições mais equitativas de permanência para o(a) educan-

do(a) que vivencia um processo de transição ou redefinição de gênero, possibilitando-lhe reconhecer-se no espaço escolar e desenvolver um sentimento de pertencimento. Ademais, tais práticas configuram-se como estratégias de enfrentamento ao preconceito, uma vez que o conhecimento produzido no ambiente escolar transcende suas fronteiras físicas e manifesta-se como atitude ética e cidadã no cotidiano social.

Logo, esse trabalho justifica-se pela importância de escritos que promovam o debate acerca das discussões de gênero no âmbito educacional, analisando os desafios e possibilidades enfrentadas pelas pessoas que vivenciam a mudança de gênero, mas, que por não serem aceitas devido a repressão da escola, da família e da sociedade, preferem esconder seus desejos e sua identidade.

Destarte, neste texto objetivamos de forma geral analisar de que modo a literatura, representada pelo romance *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga, apresenta-se como instrumento pedagógico para a promoção das discussões sobre gênero na educação básica, problematizando o silenciamento dessa temática nos currículos escolares, especialmente após a retirada de referências à diversidade de gênero e orientação sexual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, os objetivos específicos são: 1) Investigar como a obra *A Bolsa Amarela* aborda questões de identidade e performance de gênero, relacionando-as às experiências sociais e educacionais que configuram o processo de formação subjetiva dos sujeitos, e 2) Examinar os mecanismos de invisibilização das discussões de gênero nos documentos curriculares brasileiros, discutindo os impactos dessa omissão para a construção de uma educação plural, inclusiva e crítica frente à diversidade humana.

Como percurso metodológico foi realizada uma revisão de literatura, que contemplou, artigos, documentos, romance, e textos diversos que pudessem dar respaldos ao escrito, o entrelaçamento dessas obras favoreceu a tessitura do trabalho e oportunizou várias abordagens sobre a temática, que partiram desde o realismo imaginário contidos em narrativas literárias até as propostas curriculares legais, essa união do ponto de

vista empírico e procedimental favoreceu um artigo de fácil compreensão, mas profundo em sua crítica.

A relevância deste trabalho soma-se a outros já publicados e germina novos olhares na intenção de trazer ao cenário acadêmico, proposituras acerca das discussões de gênero que, por vezes, foram entendidas de maneira equivocada. Nesse sentido, buscou-se alternativas para apontar e/ou construir tensionamentos sobre preconceitos e estereótipos nessa temática, construindo relações de alteridade pautadas nas diferenças e identidades.

## 1 O QUE É GÊNERO?

Ao discutir a categoria gênero à luz dos estudos críticos contemporâneos, evidencia-se que esta ultrapassa a lógica restritiva do binarismo homem/mulher, historicamente naturalizada e sustentada por fundamentos biológicos. A concepção de gênero como uma construção social, discursiva e histórica, conforme problematizada por autoras como Beauvoir (1949), Butler (1990) e Scott (1995), permite compreender que as identidades de gênero não são dadas, mas produzidas nas interações culturais, políticas e simbólicas que moldam os corpos e suas possibilidades de existência.

Assim, o gênero não se reduz a uma determinação anatômica, mas configura-se como um campo de significações em constante transformação, onde emergem múltiplas formas de ser e existir, que desafiam os paradigmas normativos e revelam a complexidade das experiências humanas.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 1999, p. 34).

A autora tece um pensamento crítico, ao modo com que se atribui papéis de gênero aos recém-nascidos, como processo formativo, que visa para moldar o indivíduo para atender as demandas e objetivos do meio social. Com isso, é comum se designar gestos, cores, vestimentas, falas e outros modos que produzam essa identificação com o gênero masculino ou feminino.

As discussões de gênero surgem como movimento luta para explicitar que a definição (macho e fêmea) baseia-se em concepções conservadoras, e não contemplam os aspectos subjetivos culturais inerentes aos seres humanos, que podem ser incorporados a suas vivências oportunizando-os a mudarem seu gênero no decorrer de suas vidas. “Procura desvincular a identidade de gênero da identidade natural. Nós não somos por causa do nosso sexo, mas nos tornamos pelo que nos é ensinado e cobrado” (Passos, 2000, p. 44).

Tradicionalmente, o fator biológico pode definir dois gêneros, mas a construção cultural pode produzir vários, sem que um invalide o outro, de maneira que as múltiplas identidades de gênero possam conviver em constante aprendizado, pois uma identidade secundária se origina de uma prévia.

*Inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo da definição repousa /numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (Scott, 1995, p. 86).*

No entendimento de Scott, o gênero passa a exercer relevância para estruturação da vida social do indivíduo, posicionando-se através das representações dos corpos que se (re)constroem para ser o que de fato são, para além das concepções de ordem biológica. Os sistemas simbólicos, os signos, os adornos, entre outros, constroem uma gama de características que formam a personalidade do indivíduo, mas, nem sempre atendem a demanda de interesse social conservadora, que se posiciona veemente-

mente contrária aos modos de pensar o corpo pela ótica dos estudos de gênero.

O que ocorre na maioria dos casos é a incorporação, desde a infância, de normas e costumes advindos tanto da família, como das instituições sociais conservadoras, tais como a escola, a igreja, que delimitam e condicionam a pessoa desenvolver o papel que o meio social anseia. Dessa forma, toda pessoa que ousa manifestar uma identidade distinta daquela que lhe foi socialmente atribuída ao nascer tende a enfrentar rejeição e preconceito.

A ausência de empatia e de reconhecimento social leva muitos indivíduos a ocultarem sua verdadeira identidade de gênero, resultando em sofrimento psíquico e profundo sentimento de inadequação. Tal negação de si mesmos, imposta por normas sociais excludentes, pode desencadear conflitos internos e transtornos relacionados à identidade de gênero (TIG)<sup>3</sup>

Dessa maneira, percebe-se a necessidade na problematização sobre as múltiplas formas de vida que se representam nos gêneros que são construídos culturalmente, para tal, é preciso que haja um diálogo oportunizador e esse pode ser construído por meios das leituras, que conduzem saberes e contribuem para a construção de conhecimentos. No próximo tópico, elencamos o gênero literário romance, como umas das alternativas a serem utilizadas para esse fim.

## 2 A BOLSA AMARELA E O ESCONDERIJO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

Eu tenho que achar um lugar pra esconder  
as minhas vontades (Bojunga, 1976)

3 O transtorno de identidade de gênero (TIG) - ou transexualíssimo caracteriza-se por uma forte identificação com o gênero oposto, por um desconforto persistente com o próprio sexo e por um sentimento de inadequação no papel social deste sexo. , comprometendo o bem-estar e a dignidade desses sujeitos.

O medo da represália, diante de uma sociedade cada vez mais intolerante, faz com que muitas pessoas escondam seus desejos subjetivos, tendo em vista que, ao materializá-los, estarão expondo suas vidas à violência verbal, física e até à morte, que pode surgir diante do simples fato de ser alguém diferente.

Os escritos de cunho literário servem de canais reverberadores dos discursos silenciados pelo patriarcado heteronormativo, que vigora e oprime os que diferem do padrão, além de auxiliar na promoção da conscientização acerca das diferenças existentes, dado o potencial que a leitura exerce enquanto difusora do saber em sociedade.

O Livro “A bolsa Amarela”<sup>4</sup> publicado em 1976, é um romance infanto-juvenil, escrito pela autora brasileira Lygia Bojunga. Sua obra foi o centro de debates na época transitando entre críticas e elogios por tratar do tema identidade de gênero, no período em que discorria a ditadura militar e a censura cerceava aos meios de comunicação.

A obra surge em meio ao caos, diante da proibição de vários assuntos serem debatidos no Brasil devido cerceamento ter sido imposto em vários lugares, em especial nos meios de comunicação em massa. A autora traz no romance a figura principal, conhecida por Raquel, que vive um conflito interno consigo mesma e com sua família que reprimi seus três grandes anseios: o 1º, a vontade de crescer; o 2º, o desejo de mudar de gênero e ser um garoto; e o 3º, o objetivo de tornar-se uma escritora.

---

4 Lygia Bojunga foi a primeira mulher fora do eixo Estados Unidos – Europa a receber o prêmio *Hans Christian Andersen*, o mais importante prêmio literário de literatura infanto-juvenil. Gaúcha, de Pelotas, nasceu em 26 de agosto de 1932, e, aos oito anos se mudou com a família para o Rio de Janeiro. Aos 19 anos entrou para uma companhia de teatro e trabalhou como atriz de rádio e tv, até que resolveu mudar de vida e viver mais perto da natureza. A literatura foi mais forte na vida de Lygia e a garotada ganhou uma das maiores escritoras brasileiras. Livros como “*Os colegas*”, “*Angélica*”, “*A bolsa amarela*”, “*Corda bamba*” e “*O Sofá estampado*”, foram o passaporte de Lygia para receber o prêmio *Hans Christian Andersen*, que é como se fosse um nobel da literatura infantil. Lygia Bojunga é a autora em destaque no Momento Literário. EBC, 2021. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/antena-mec/2021/06/lygia-bojunga-e-autora-em-destaque-no-momento-literario>. Acesso em: 01 de jun. 2023.

A história narrada no romance, assemelha-se com situações reais do cotidiano, em especial, no que tange ao anseio que os pais têm sobre seus filhos já durante a gestação, fase está em que já se inicia a construção dos papéis de gêneros que serão executados. Tais fatores ocorrem quando se descobre o sexo biológico da criança e se estendem no decorrer da vida.

Essa “normativa” imposta pelo conservadorismo religioso se reproduz através dos discursos quando se questiona, por exemplo: “é menino ou menina?” ou, então, quando se alega: “Quando crescer se for igual ao pai, será homem de verdade!”; “Se puxar a mãe será uma ótima doméstica”, e, com essas falas estereotipadas, estabelece as “funções” de gênero que são repassadas de geração em geração. Na obra, a personagem Raquel, não se reconhece como menina e sente o desejo de tornar-se um garoto, afirmando: “Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher” (Bojunga, 1976, p.16), ao pontuarmos sobre essa colocação no romance, recorremos a discussão de Butler (1993) que aponta:

*Sujeitado ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o “eu” nem precede, nem segue o processo dessa “criação de um gênero”, mas apenas emerge no âmbito e como a matriz das relações de gênero propriamente ditas (p.7).*

Para a autora, o primeiro ponto a refletir-se sobre as discussões de gênero, diz respeito à obrigatoriedade imposta em que somos inseridos, e nos condiciona a aceitar a concepção de dois seres distintos (macho e fêmea), a partir daí sem que haja possibilidade de diálogo, durante a infância e juventude começa a se construir o arcabouço de estereótipos que servirá para designar as funções que o sujeito deverá cumprir após a vida adulta. Diante disso, constroem-se seres por vezes inacabados e/ou complexados por transitarem entre o que são no seu íntimo e aquilo que esperam que seja em seu exterior.

Butler (2006, p.25), afirma que: “o gênero é o mecanismo pelo qual, as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas”. Essas e outras definições sobre o ser homem e o ser mulher, advém da família tradicional e se estendem aos demais espaços de convivência coletiva,

intensificadas, muitas vezes, pelo viés religioso e por inúmeros dialetos aprendidos que se reproduzem no cotidiano.

*Às vezes, a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer. (Bojunga, 1979, p. 49).*

A descrição de Bojunga, leva-nos a compreender o universo das transformações que passam em nossa mente e como, por vezes, reprimimos nossos anseios, em virtude dos conceitos que aprendemos erroneamente em sociedade. Com isso, precisamos de esconderijos onde possamos guardar nossas mudanças que não podem ser compartilhadas em público.

Essa forma de esconder nossos desejos, também pode ser destacada nos estudos sobre a epistemologia do armário de Sedgwick (2007), na concepção da autora, o armário é um “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores<sup>5</sup>, metaforicamente o armário serve como local para preservar a vida, diante de uma sociedade cada vez mais preconceituosa, violenta e apática ao pluralismo de gêneros.

No romance, a bolsa é o local físico onde Raquel pode esconder seus desejos ficando livre de questionamentos e interpretações secundárias, mesmo que para isso vivesse reprimida em suas vontades. “Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande” (Bojunga, 1976, p. 113).

O desejo de assumir um gênero novo, esbarra-se frente ao preconceito que se vivencia em sociedade e, por vezes, homiziamos aquilo que de fato somos, Raquel não podia contar a sua família sua vontade de mudar seu gênero, então, preferiu guardar suas preferências subjetivas em uma bolsa para que assim ninguém pudesse julgá-la.

5 SEDGWICK, Eve. “**A Epistemologia do Armário**”. In: Cadernos Pagu, 2007.

A leitura da realidade se entrelaça com o imaginário, e traz respostas que por vezes seria complexa de expressar. Para Candido (1987, p. 54), “a personagem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção e transferência”.

É comum as pessoas reconhecerem-se nos personagens principais das histórias, mais ainda quando estes(as) servem de fontes de inspiração, para ser aquilo que se é realmente. Bojunga (1976, p. 18) diz: “Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela”. Raquel não difere dos milhares de sujeitos espalhados pelo mundo, que vivem escondendo suas realidades, com receio do preconceito que permeia sociedade e faz com que sejamos iguais à personagem. Para Raquel, a bolsa seria o refúgio de seus sonhos não materializados, para os seres humanos, a bolsa pode ser contextualizada como o amigo que nos ouve em momentos de aflição, o diário em que transcrevemos nossas angústias, às mídias digitais em que deixamos registros fragmentados de nossas existências plurais e assim como também dos nossos momentos hiatos.

Embora os espaços para se esconder possa ser físico ou mental, o que se percebe através da literatura é o medo por trás das vontades, além das frustrações que surgem na vida adulta por não “sair do armário”. A bolsa, representa o local de acolhimento de Raquel, onde a mesma podia mergulhar em suas emoções mais complexas, sem que fosse julgada, esconder-se por mais que fosse difícil naquele contexto era a única possibilidade.

A literatura torna-se o local de comunicar ao mundo, vontades que não podem ser concretizadas, contextualizando o romance com a realidade da sociedade brasileira fadada ao tradicionalismo, a ideia de esconder o gênero em uma bolsa é a ação “correta”, para os defensores do conservadorismo, os que não o fazem, posicionam-se como subversivos, contrários aos bons costumes.

No tópico subsequente discutir-se-á sobre gênero no currículo da educação básica, apontando sobre quem esconde essas discussões dos estudantes, no romance, Raquel era uma garota que gostava de estudar,

mas, na escola, não poderia ser quem era de fato. Em decorrência da discussão, questionamos: quantos alunos espalhados pelas instituições educacionais do país, escondem quem são, por medo que as escolas os reprimam e vivem em seus “armários” com medo da retaliação? Qual o papel do ambiente escolar e como os documentos curriculares da educação básica abordam a temática gênero?

### 3 E NA ESCOLA BRASILEIRA, ONDE SE ESCONDEM AS DISCUSSÕES DE GÊNERO?

Apesar do crescimento dos debates de gênero na sociedade, a escola no Brasil ainda não consegue produzir discussões que tragam consigo informações assertivas a fim de desmistificar concepções errôneas que permeiam as pessoas com gênero diferente do habitual. De fato, essas pautas sempre estiveram escondidas no conservadorismo político, que enxerga a discussão de gênero como sendo “desnecessária” e organiza forças para silenciar a qualquer custo essa temática no currículo da escolar.

*A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado (LOURO, 2008, p.18).*

Para Louro, conhecer os diversos gêneros deveria fazer parte também da aprendizagem do educando, levando-os à compreensão de as definições tidos como inquestionáveis (masculino e feminino) não são regras normativas, mas, sim, padrões que foram ensinados em sociedade e passaram de geração em geração. Para que ocorra o real entendimento é preciso dar um novo passo conscientes que dos seres em constante modificação, integrantes de um processo inacabado, passíveis de mudanças no corpo e em suas performances em busca de encontros com o próprio eu, de onde surgem as construções dessas identidades de gênero.

O documento mais significativo que auxiliou até então essa abordagem em sala de aula foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)<sup>6</sup>, construídos sob a ótica progressista, elucidavam às questões sobre gênero e sexualidade na busca por conscientização e promoção do respeito ao outro em sua diferença, além da promoção da saúde e do bem-estar dos educados.

Com a demanda de uma educação pensada para o século XXI, surge a necessidade de uma (re)formulação do currículo da educação básica no Brasil. Cria-se então uma proposta de consolidar as aprendizagens em um único documento, a ideia tem sua gênese no governo de esquerda liderada pela Presidenta Dilma Rousseff, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>7</sup>, foi formulada com a propositura de ser inclusiva e democrática, ampliando as possibilidades de aprendizagens, com ênfase aos campos de experiências. Possibilidades estas que foram elaboradas a partir de três pontos essenciais voltadas ao convívio na escola, em família e em comunidade, esses pontos são definidos como: O eu, o outro e o nós<sup>8</sup>.

Na terceira e última versão do documento, o país se encontrava-se perante a obscuridade do processo de impeachment da Presidenta Dilma, articulado pelo então Presidente da câmara dos deputados Eduardo Cunha. Diante desse cenário, após Dilma ter perdido o cargo, Michael Temer assume o governo, e traz consigo uma visão política de direita conservadora que se instala no país e começa a modificar os ministérios, abriu-se então, um cenário de lutas e embates no campo educacional, e um deles diz respeito à última versão da BNCC que contemplava as discussões de gênero.

6 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

7 BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (2018).

8 O eu o outro e o nós”, diz respeito as experiências em espaços laborais que segundo a BNCC, promovem o autoconhecimento, aliando a construção de relações sociais e os vínculos, na busca pelo despertar do sentimento de pertencimento e coletividade, que devem ser exercidos diante das culturas, valores, signos e das diferentes formas de pensar e de agir dos que nos cercam.

A bancada parlamentar cristã, organizou diversas manifestações, antes que a BNCC fosse promulgada, pressionando o Ministério da Educação para que houvesse a retirada dos termos orientação sexual e gênero. A força do patriarcado hétero, branco, cristão e conservador falou mais alto e em sua finalização, a BNCC excluiu definitivamente os termos, ficando designado o seguinte ponto:

O Ministério da Educação (MEC) retirou do documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entregue ontem (6) ao Conselho Nacional de Educação (CNE), trechos que diziam que os estudantes teriam de respeitar a orientação sexual dos demais. O MEC suprimiu também a palavra gênero em alguns trechos do documento.

Por ser um documento que visava permear as aprendizagens de modo igualitário em território nacional, esperava-se um currículo plural, que abrisse espaço para construção de saberes importantes na vida, tais como, as discussões de gênero que existem e estão presentes dentro e fora da escola. O esconder da temática não oportuniza os estudantes a estarem conscientes dessas outras formas de vida, como também contribuem para que a disseminação de informações claudicadas se perpetuem, sem que haja uma intervenção da escola.

Essa força, que silencia às vozes dos grupos minoritários, age em conformidade com o sistema econômico que enxergou na base a possibilidade de um currículo mais técnico e menos reflexivo frente às questões de cunho subjetivo, tais como as discussões de gênero. A retirada da temática empobreceu ainda mais a educação, quando pensada pelo viés sociocultural. O gênero na educação do Brasil, se esconde por trás da ação política conservadora, que não objetivou, com a base, uma educação voltada às questões humanas, antes centralizam suas expectativas nas mãos das grandes potências do mercado neoliberal, desprezando dessa forma a reflexão do estudante enquanto sujeito passível de mudanças

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa desenvolvida e dos dados aqui apresentados, observou-se a relevância da literatura que conduz o leitor à reflexão imaginária sobre situações reais do cotidiano. Pode-se destacar fatores nos documentos educacionais que se assemelham à narrativa literária, no que tange a esconder as abordagens referentes a gênero, pois tanto a A bolsa amarela, quanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) atuam como o mesmo mecanismo de ação: esconder as discussões de gênero.

Enquanto a personagem Raquel dispunha de uma bolsa para reprimir seu interesse em ser um garoto, o Brasil dispõe do parlamento conservador, que executa a mesma funcionalidade: alapar a pauta de gênero dos currículos da educação básica.

Desse modo, reafirmamos que a literatura é uma potente estratégia para os estudos de gênero em sala, oportunizam aos discentes refletir sobre as diversas formas de ser e existir, assim como também, confrontam os “ideais” de gênero binário, postos em sociedade como sendo as únicas possibilidades no qual a pessoa dispõe, desconsiderando os fatores culturais, que estão atreladas a mudança de gênero por meio das performances.

No concernente aos documentos curriculares, estes podem ser discutidos pelos próprios professores que se interessem pela temática e/ou tenham a compreensão que a mesma se apresenta como pauta emergente, frente ao cenário de modernidade atual, em que surgem novos gêneros e estes se apresentam também no corpo da escola, entre nossos alunos, funcionários e comunidade. Desta forma, faz-se necessário construir diálogos que reverberem a empatia e o respeito para com o outro, diante da mudança que pode ser plural ou singular e ocorrem a todo tempo.

Portanto, não sabemos o que há de vir, os pontos excluídos da BNCC ficarão circunscritos na história do tempo e dos tempos que não de serem vivenciados, sejam eles por meio de novas literaturas que poderão eluci-

dar as pautas antes já abordadas, ou dos currículos futuros que haverão de serem (re)construídos pontuando ou não a temática gênero. O que fica de fato, são as marcas e os locais onde se escondem as falas, os gêneros, os corpos e as pluralidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se, a partir da análise realizada, que um dos maiores desafios da educação contemporânea consiste em promover a igualdade de gênero de forma efetiva. No entanto, tal propósito enfrenta entraves significativos quando o principal documento orientador do currículo escolar não contempla essa discussão de maneira explícita. A escola, enquanto espaço formativo e social, deveria possibilitar que professores e demais profissionais da educação desenvolvessem competências para compreender e acolher a diversidade de identidades de gênero, reconhecendo que essa temática se relaciona diretamente com as dimensões da vida, da cultura e dos valores que constituem cada sujeito em sua singularidade.

Assim, algumas possibilidades para o trabalho com gênero no ambiente educacional podem ser elencadas. A primeira e mais necessária seria a inserção da temática na BNCC, sua retirada, no entanto, não impede que professores façam essa abordagem, mas, não há garantia alguma que tal discurso possa ser elucidado. A segunda diz respeito a utilização da literatura como estratégia metodológica para fomentar a análise, tendo em vista que o texto literário não se restringe apenas a língua portuguesa, antes dialoga com todas as disciplinas.

No caso do romance, *A bolsa amarela*, este pode ser utilizado interdisciplinarmente, por exemplo: na disciplina de história, quando o assunto for a ditadura o referido texto pode abordar o período histórico do período, abrindo espaço para as discussões de gênero, que até hoje em vários lugares são silenciadas devido ao conservadorismo que vigora entre os líderes políticos, apresentando dessa forma como a escrita literária denuncia causas sociais, visando com isso, a reflexão da temática, que contribui

diretamente na emancipação do sujeito, oportunizando também espaço de fala para expressar quem são, e os possíveis medos que fazem com que escondam as mudanças de gênero ou outras tão desejadas.

Constatou-se, também, que a falta de compreensão das questões de gênero pela sociedade, faz com que a pauta seja silenciada em vários esconderijos, e que tal ação contribui negativamente, pois, ao se eximir de expor essa multiplicidade das formas de ser, corrobora-se com a força dos que o silenciam.

Outro desafio encontrado refere-se à resistência de alguns membros conservadores da política brasileira, estes, avistam no debate sobre gênero uma ameaça aos papéis e valores tradicionais, formulados por eles mesmos. Essa obstinação dificulta o entendimento da concepção de gênero para além dos padrões binários (macho e fêmea), apontados como verdade inquestionáveis.

Apesar destes desafios para esconder as discussões de gênero, na bolsa e na educação básica, a luta pela equidade nos lugares formativos continua e perpassa pelas mãos dos professores que podem transformar esse cenário. Iniciando com ações simples, como a abordagem da temática por meio das literaturas, assim como a luta pela inclusão de políticas curriculares que oportunizem o conhecimento a respeito do gênero na escola, pensado a partir do viés científico e não apenas do ponto de vista religioso.

Enquanto, na obra *A Bolsa Amarela*, a autora provoca o(a) leitor(a) a refletir sobre o medo que impede a personagem Raquel de expressar sua identidade de gênero, condicionado pelo contexto sociopolítico e cultural que a cerca e que não acolhe sua diferença, na BNCC observa-se um movimento oposto.

A exclusão deliberada das discussões sobre gênero do documento reflete a influência de uma base política conservadora, de orientação cristã, que resiste à pluralidade das identidades e interpreta essa temática como uma ameaça à moral tradicional. Tal postura revela o silenciamento institucionalizado das múltiplas formas de existência e reforça o distan-

ciamento entre a escola e os debates necessários à construção de uma educação democrática e inclusiva.

De modo geral, as discussões de gênero na educação requerem uma abordagem multidisciplinar. É essencial destacar que a falta de compreensão dessas questões entre professores e alunos gera problemas de convívio social na escola, na família e na comunidade, ao mesmo tempo, em que é pertinente pensar estratégias para essa aprendizagem, visando a diminuição dos prejulgamentos de gênero que por vezes são construídos pela falta do conhecimento científico acadêmico.

Longe de se pretender conclusivo, este trabalho busca ser um convite à reflexão provocando o(a) leitor(a) a pensar sobre os caminhos possíveis para uma educação mais plural, inclusiva e empática em relação às diferentes expressões de gênero que compõem o tecido social contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Vol. 2. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1967.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa Amarela**, 22º ed, Rio de Janeiro, Agir.1992.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular** (2018).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2009a. v. 1.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pró-Posições, v.19, n.2, maio/ago., 2008.

OLIVEIRA, Maria. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PÁDUA, Antônio. **Escritos sobre gênero e sexualidades**. Cidade: São Paulo/SP. Scortecci Editora, 2015.

PASSOS, Elizete. **O existencialismo e a condição feminina**. In: Motta, Alda Britto da; Sardenberg, C.; Gomes, M. (org.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Coleção Bahianas, n.5. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM; FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000, pp.39-48.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto**. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.